

UM ANTROPÓLOGO NO CERRADO GOIANO: MÁRIO ARRUDA DA COSTA – BEM ALÉM DO GABINETE

Hilda Freitas Silva¹

Eduardo Soares de Oliveira²

INTRODUÇÃO

Esse trabalho carrega questões intensas da vida, como ambição, amor e traição. Temporalmente, este trabalho perpassa efetivamente nos últimos 05 anos, os quais com pessoas que atravessaram a (minha) vida e que me foram afetados e direcionados para a antropologia.

Assim o que desejamos demonstrar é que a vida, como criatividade humana, nos afeta de forma a nos transformar, a sofrer, a crescer, a nos agenciar em projetos imersos de emoções e de perspectivas. Com isso em determinados momentos conseguimos ter projetos alçados ao sucesso, mas também projetos fracassados. Eis a vida, nos chocando e nos transformando, e nos/nós seres humanos objetificando experiências e por vezes ignorando o outro. Estas trajetórias de vida formam qualquer pessoa, assim, aqui elencamos fatos acadêmicos ou não, que foram importantes para a vida do antropólogo Mario Arruda, mas que na experiência da etnografia, também fez parte da constituição de uma “nova” profissional da antropologia.

No âmbito pessoal, atualmente tenho seguido no silêncio, pois nele, talvez seja o guia adequado para que as águas se tranquilizem. No mais, nesta relação de construção profissional, mas de vida, fica em proeminência o fato de termos a oficialidade da profissão como aspecto visível da importância ou desimportância social. Classificações básicas que no conhecer outra pessoa, torna-se o fato de preferir ou desprestigiar a pessoa devido a convenções sociais. Neste ínterim, entendemos que a vida é atravessada por questões

¹ Mestranda em Antropologia Social pela Universidade Federal de Goiás. Espec. em História do Brasil; História e Cultura Afrobrasileira; Psicopedagogia Clínico e Institucional; Educação para Diversidade e Cidadania: Direitos Humanos; Patrimônio, Direitos Culturais e Cidadania; Cultura, Identidade e Região. Graduada em História pela Universidade Estadual de Goiás. Colaboradora do GEFOP/ Universidade Estadual de Goiás. hildafsilva28@hotmail.com

² Doutorado em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (2014). Graduação em História Bacharelado e Licenciatura pela Universidade Federal de Goiás (1999), mestrado em História pela Universidade Federal de Goiás (2009) e atualmente é efetivo da Universidade Estadual de Goiás e professor titular da Universidade Estadual de Goiás. historiadoreduardo@yahoo.com.br

polissêmicas, que a profissão é um dos muitos aspectos da vida, mas que no hall dos interesses, a profissão é fundamental para pensar a vida e o mundo.

Nesse contexto nos direcionamos a pensar como Marcel Mauss, em relação a Fato Social Total. O que para o autor é aquilo que exemplarmente pode ser referenciado a toda uma população devido a seu emaranhado social. Ou seja, é uma atividade que tem implicações em toda a sociedade, nas esferas econômicas, jurídicas, políticas e religiosas. Assim um casamento ou profissão torna-se referências importantes para pensar uma realidade. Aqui nesse trabalho utilizamos a profissão antropólogo como referência de pesquisa.

Citamos também a dádiva de Mauss, onde o dar, o receber e o retribuir, fortalecem as relações. Ora, se somente um tem interesse em estar neste processo, a relação não se sedimenta e não se reinventa de forma conjunta. Portanto foi e é por meio da antropologia que vivemos a etnografia de Mário Arruda, mas que também acabamos nos analisando a nossa própria vida. Esta potência de análise se torna mais forte ainda, pois foi no processo de reflexão da etnografia do antropólogo Mário Arruda, que também me entro e faço o mestrado em Antropologia Social, pela Universidade Federal de Goiás. Então este texto, esteve em estado de hibernação por alguns anos, onde a reflexão da profissão e os atravessadores do curso da vida, fizeram em mim a experiência de se azedar e em outros momentos se adocicar.

Independente do gosto, a dádiva persiste apenas onde existe a reciprocidade. Assim a transformação ocorre e a reflexão de si, por meio da antropologia, torna-se uma experiência de terapia e/ou um massacre. Eis a lente que se modifica, mas o espelho para o antropólogo, ou para qualquer pesquisador sensível e delicado as especificidades do lugar, do olhar e do ser, torna-se em mim um exercício que transcende a profissão antropólogo. Portanto aqui se tem um exercício da vida.

ENTRE TEORIAS...

Através do estudo nota-se que há uma historicidade ampla do conceito de cultura devido às variedades do ser e no fazer do humano. Percebe-se também que a teoria antropológica e academia aponta que as comunidades tradicionais tiveram suas percepções de estudos desvinculadas do exótico ao humanismo. Nesse contexto, pautamos na teoria de Roque Laraia (2001), quando ele teoriza sobre o caráter dinâmico da cultura e que ela não pode ser tratada de forma hierárquica.

Assim, Rosani Leitão (2014, p.8). complementa, dizendo que a capacidade de produzir cultura é inerente ao ser humano e que toda e qualquer sociedade possui cultura. Ela ainda diz

que “(...) a antropologia nada mais é do que a arte da crítica cultural” e que o “conceito de cultura é visto como um processo polissêmico, com múltiplos significados que são interpretados tanto por antropólogos como por seus interlocutores”.

Neste artigo, não ignoramos os conceitos científicos que abrangem as áreas aqui perpassadas – História, Antropologia e Sociologia. Áreas essas que estão proeminentes no trabalho, mas que nas práticas cotidianas se encontram entrelaçadas, vazando e se ressignificando através das experiências humanas. Com isso, num exercício de anúncio didático aqui apenas apontamos as ciências como forma de demonstrar o aprofundamento e atento científico, baseado em estudos etnográficos dos próprios autores desse trabalho, como também reconhecendo a importância do estudo do campo para a formação humana e profissional.

Neste direcionamento teórico, Roy Wagner (2010, p. 75) complementa dizendo que “se reconhecemos a criatividade do antropólogo na construção de sua compreensão de cultura, certamente não podemos negar a essa cultura e a seus membros o mesmo tipo de criatividade” Assim, o autor nos demonstra o caráter de invenção e ressignificação de cultura a partir da fala. Neste contexto, Michel de Certeau em seu livro “Cultura no Plural” (1995) também nos direciona ao pensar no ser humano e sua capacidade de invenções de poderes e que essas permeiam o coletivo.

Por sua vez, Michel de Certeau (1995) demonstra que a história não está ligada ao objeto e que a história não é real. Assim ele destaca que a história é a produção do discurso sobre o real. Ainda com Certeau (1995), outro ponto interessante é compreender o “lugar de fala” e das instituições que as pessoas se agregam. Assim, repensar a estrutura de poder, seja institucional ou do próprio indivíduo, é essencial para compreendermos as formas cotidianas de resistência às estruturas de poder estabelecido. Ou seja, as pessoas criam alternativas de driblar o que a sociedade lhe impõe e determina. Sendo que o antropólogo é um profissional que abarca este contexto social tendencioso a hierarquização.

Em contrapartida, o mesmo antropólogo estuda/pesquisa o contexto cultural num viés plural e sem hierarquização. Assim, como diz Laraia, a cultura é dinâmica e perfaz o indivíduo. Com isso, caminhamos para uma ciência, que tem as especificidades atuais de reconhecimento da alteridade. Diehl (2006, p. 06) complementa este contexto:

A recombinação de temporalidades diferentes numa mesma narrativa não é mais vista como uma deformação anacrônica ou mesmo sinônimo de desordem, mas de constituição de um sistema lógico que trabalha com sentidos pré-constituídos. Pela dinâmica interna do sistema e pelos seus enunciados, a narrativa e a estética assumem

o papel principal. O conteúdo histórico em essência torna-se periférico, porém sobre o qual ainda se narra e se estiliza. As múltiplas recombinações de temporalidades possíveis no sistema levam a implodir as polarizações de posições tão caras ao pensamento dialético.

Nesse contexto, trabalhamos nesse artigo a história de um antropólogo aposentado, que contribui/contribuiu academicamente. Nota-se a relevância de compreensão de sua vida e obra, para que mais pessoas conheçam e valorizem o profissional, e que por consequência poderá reconhecer a pluralidade das histórias brasileiras que são oriundas de momentos passados, revividos, remontados e reinventados culturalmente com a emoção.

Outro aspecto basilar que este trabalho está inserido é quando Maurice Halbwachs (2004) é quando ele diz que as memórias individuais são também memórias coletivas. Ou seja, na perspectiva de pensar o indivíduo, vemos que sua trajetória pessoal num âmbito de relações, pode-se perceber e conhecer a coletividade. Com isso, segue a sistematização do antropólogo.

CONSTRUINDO MÁRIO ARRUDA DA COSTA

Mário Arruda da Costa nasceu em 12 de janeiro de 1940, em um seringal denominado Porto Alegre, no estado do Amazonas. Ele morava com os pais e com cinco anos de idade, se mudaram para outro seringal chamado de Capatará, também no Amazonas. Sua mãe era amazonense e seu pai maranhense. Os pais de Mário nunca foram a uma escola, mas sabiam ler e escrever. Com os conhecimentos que detinham sobre as letras, ensinaram o filho a ler, e com literatura de cordel, a leitura se desenvolveu.

Na década de 1950, o pai de Mário falece e a mãe resolve mudar com a família, para a então vila, hoje cidade de Codajás, no mesmo estado. Neste local, Mário passa a frequentar a Escola Nossa Senhora das Graças, que tinha como administradores e financiadores a Igreja Católica. Destaca-se que neste momento Mário já era alfabetizado e com isso, pôde fazer uma prova que avaliava o nível educacional do estudante e dependendo do resultado, o estudante poderia adiantar algumas séries de estudo. Isso ocorreu com Mário Arruda e com outros garotos.

Mário passa na seleção e com 13 anos de idade foi estudar no Internato Colégio Santíssimo Redentor, na cidade de Coari, no estado do Amazonas, pois na escola de Codajás não havia a série que a então criança estava. Essa instituição tinha parcerias com o governo

norte-americano e como a anterior, era administrado pela Igreja Católica. Relembrando da instituição e dos anos ali, Mário justifica os “excessivos” momentos de adoração a Deus como meio de controle ideológico, pois a parceria norte-americana com os religiosos tinha o objetivo de “salvar” os amazonenses (brasileiros) do comunismo.

Com a intensa ideologia religiosa no seu cotidiano, Mário tenciona em ser padre. Diante disso fez seminário durante os anos de 1954 a 1958. Ele destaca que ali havia inicialmente 50 pessoas matriculadas, mas a desistência era grande, pois o regime era severo. No seminário houve uma nova seleção no ano de 1958, onde os melhores estudantes na avaliação (formandos de anos anteriores e atuais) continuariam os estudos na cidade de São Paulo. Novamente, havia a parceria dos nortes americanos. O intuito era ampliar estudos e levar estudantes da Amazônia à metrópole para um posterior regresso e trabalho religioso.

Mário passou neste concurso, completou os estudos, e fez um outro concurso da embaixada americana para realizar um curso superior nos Estados Unidos da América. Ele passou na seleção e fez o Seminário de Padres Redentoristas na Universidade de Madison, em Wisconsin. O antropólogo destaca que seus professores eram padres e também havia profissionais não ligados à fé religiosa. O objetivo desse intercâmbio era a formação em Filosofia (03 anos), depois ampliar para teologia (04 anos). A grade era integral, com longos períodos de rezas e estudo, sendo o primeiro com mais constância. Com o término deste, a pessoa se ordenaria padre. Entretanto, Mário fez apenas o ciclo de Filosofia.

Este contexto há uma variedade de fatos que se complementa. Vejamos: Mário diz que o motivo dele não fazer a sequência teológica foi que houve algumas discórdias entre estudantes e universidade. Os alunos queriam fazer seus sermões em sua língua nativa, e a universidade, principalmente os padres, queriam que fossem em inglês. Diante do posicionamento “diferente”, em outras palavras, questionador, Mário ficou mal visto pelos padres que ali estavam.

Outra razão para não continuar nos Estados Unidos da América foi que Mário no início da década de 60, escreveu para um dos líderes da Revolução Cubana, Fidel Castro, e este o respondeu. A carta resposta do cubano ao brasileiro foi parar nas mãos de alguns padres. Com isso, o fim da estadia de Mário nos Estados Unidos da América ocorreu. Mário então fora dispensado do ciclo de Teologia.

Neste emaranhado, outra história interessante que Mário conta quando ainda estava nos Estados Unidos da América, é que como ele havia nascido e morado no Amazonas, sendo

portanto, conhecedor da vida na mata, havia o interesse dos nortes americanos em enviá-lo à Guerra do Vietnã, ocorrida de 1959 a 1975 também em um ambiente de floresta.

Destaca-se que Mário era estudante de intercâmbio naquele país, e ir “lutar” na guerra no lado deles, era algo possível legalmente.

Assim, Mário diz que a sua passagem aos Estados Unidos da América permeou questionamentos que se aproximavam Mário ao comunismo e guerra, entretanto, o que de fato ocorrera, foi sua volta ao Brasil. Neste contexto, vai morar em São Paulo em 1967. Nota-se que existem em toda a história de Mário Arruda, laços com Igreja Católica.

Logo quando chega ao Brasil, é convidado para ir a Amazonas com alguns padres norte-americanos. A viagem tinha como objetivo conhecer as intenções missionárias de Mário, pois mesmo não fazendo o curso Teologia nos Estados Unidos, ele poderia fazer aqui no Brasil a obra de Deus. Com isso, havia o interesse desses padres de conhecer as reais intenções e ideologia de trabalho do nosso antropólogo. Mário na ocasião disse que queria morar com os seringalistas, lecionando e atendendo os nativos nas possibilidades que se tinha, deixando evidente o desejo de atendimento social, no entanto, este fato foi interpretado como sendo próximo ao socialismo/comunismo. Ora, novamente rechaçado foi dispensado como padre.

Assim, volta para cidade São Paulo e vai lecionar em uma comunidade carente, sendo vinculado como profissional municipal. Nesta época, em 1967, morava em Raposo Tavares. Mário diz que utilizava o método de alfabetização de Paulo Freire. Em um contexto repressivo, o período de ditadura militar no Brasil o faz desistir do emprego em São Paulo e vai tentar a vida em Brasília. Contudo, ele não se adapta a vida na capital brasileira e acaba ficando em Goiânia em 1968. Seu primeiro emprego nesta cidade foi professor de inglês.

Já em Goiânia, no ano de 1969, Mário fora convidado para fazer uma palestra intitulada “O papel da Igreja no mundo de hoje – de acordo com o Vaticano”. Neste colóquio – que saía do formato comum e extremamente religioso de palestras teológicas – estava o reitor da então Universidade Católica de Goiás que ao término pediu que Mário fosse à universidade no outro dia. Na reunião, foi convidado a lecionar na UCG, posteriormente tornando a Pontifícia Universidade Católica, a PUC/Goiás. A partir daí, trabalhou como professor até se aposentar em 2011, sendo inclusive diretor da Faculdade de Filosofia nos anos de 1971 e 1972. Atualmente, é colaborador da universidade no trabalho que abaixo descreveremos.

INSTITUTO GOIANO DE PRÉ-HISTÓRIA E ANTROPOLOGIA - IGPA

No ano de 1972, foi criado o Instituto Goiano Pré-História e Antropologia com parceria com a professora da PUC, Meire Baiocchi, e também com mais dois estudantes. Mário diz que até este momento, não existia pesquisa de campo de arqueologia naquela universidade. Com isso, predominava no cenário arqueológico a ideia de que não existia nativo na pré-história, em regiões como o centro-oeste brasileiro. Diante das pesquisas de campo arqueológico que Mário Arruda fazia parte, foram encontrados e catalogados vestígios e sítios arqueológicos que desfaz a tese citada. Ele destaca os sítios na região que hoje é Goiânia, Jussara, Itaberaí, Britânia e outros da região goiana.

Podemos citar também os sítios de Serranópolis que fora datado sendo de aproximadamente de 11 mil anos. Existe também a Serra da Canastra, sendo de aproximadamente de 30 mil anos. Mário diz que recebeu muita crítica no transcorrer deste trabalho, pois não havia a valorização acadêmica na busca da “versão do índio”.

O professor ressalta o cemitério de índio na Fazenda do Chupé; Índio na cidade de Matrinchã; no Rio Claro onde havia um garimpo denominado “pau ferrado”. Mário se dedicou muito a pesquisa de campo, e mesmo casando em 1970, os trabalhos/expedições em busca de índios era rotineiro. Sua esposa ressalta os momentos de ausência, onde Mário, em seu trabalho de campo, ficava variados meses sem se comunicar com a família, pois a comunicação era difícil, demonstrando neste aspecto o caráter árduo de profissional na pesquisa de campo dos anos 70. Em 1979, Mário Arruda era professor e nas horas vagas, como também nos finais de semana, ia para o Laboratório do IGPA, como pesquisador.

Em uma dessas expedições encontrara: preguiça gigante, tatu, tigre dentes-de-sabre e anta. Enfatiza que o seu maior contato com os índios foi com a tribo dos Uru eu wau wau. Sendo que todos os registros se encontram na Universidade Católica de Goiás, no IGPA.

Agregado ao trabalho de Mário Arruda, também está no IGPA o acervo dos professores Jesco Puttkamer (doador em 1978) e Adriano. O IGPA está formalizado desde 1974. Em 1979, foi feito novos contatos para financiamento dos trabalhos de campo através dos professores supracitados. Esses contatos eram com a *National Geographic* e *British Broadcasting Corporation*, mais conhecida pela sigla BBC.

Nesses contatos, havia o interesse de fotos e vídeos da terra e dos índios. Neste contexto, Mário Arruda participou de aproximadamente 18 filmes e atualmente está aposentado, mas colabora com a organização dos vídeos cedidos por Adriano, que

anteriormente estava na BBC de Londres, mas atualmente se encontra na Universidade Católica de Goiás.

Este acervo que pesa cerca de sete mil quilos, foi trazido pelo professor Mário Arruda e esporadicamente os filmes são reprisados na TV Cultura e TV Brasil. Todos estão sob domínio da Universidade Católica de Goiás.

Diehl (2006, p. 10) nos atenta que é importante “não apenas o conteúdo que a memória pode revelar, mas, sobretudo, a forma de transmissão dos conteúdos da memória, a qual denominaremos de memória do temor ou memória negada” Também nos pontua que “a compreensão do mundo contemporâneo exige de todos nós dimensões que vão além do fato de apenas referenciar os objetos de pesquisa no passado”(DIEHL, 2006, p. 10).

Segundo Diehl (2006, p. 10) este “ir além dos fatos” tem a prerrogativa de levar em consideração a pluralidade de perspectivas no diálogo constante diversas áreas do conhecimento. O autor ainda aponta que:

Nesta perspectiva, a história, além de ser um bem cultural inestimável, com valores implícitos e explícitos, é uma forma de comunicação entre o passado e o presente, entre as ideias de futuro que se tinha no passado e a possibilidade de cultura da mudança do tempo presente, tendo como fio condutor os sentidos. (DIEHL, 2006, p. 13).

Nota-se através das conversas com o professor características interessantes: é um homem que gosta de compreender o contexto *in loco*; ele se abstém das convenções da academia, no que se refere à escrita a sua extensão à comunidade acadêmica. Acreditamos que a junção dessas duas características resulta nas pessoas não (re)conhecerem a sua trajetória.

Talvez nessa reflexão, identificamos o fio condutor de sentidos que Diehl (2006) nos aponta. Pois a história de Mário de Arruda permeia situações conhecidas e silêncios (lacunas) que devem ter um olhar epistemológico para compreendermos tanto a trajetória de vida de um ser, formação de um profissional e suas relações históricas e culturais no social. Para isso, abaixo sistematizaremos os principais compromissos profissionais desse antropólogo.

ENTRE O DIÁRIO DE CAMPO E MEMÓRIA DE MÁRIO DE ARRUDA

Em 1970, Mário Arruda iniciou suas pesquisas arqueológicas, sendo depois essas ações favorecendo a necessidade de criação do IGPA nos anos posteriores. Em 1980, Mário esteve presente em variados projetos, são eles:

- Dos anos 1980 a 1983 esteve à frente do Projeto Avá-canoeiros do Tocantins, que era um projeto que tinha o objetivo de proteger os 04 últimos descendentes dos Avácanoeiros. Atualmente existem seis descendentes desta etnia;
- Projeto Karajás, em Aruanã, em 1985. Mário Arruda denomina estes índios como “índios favelados”, pois nas palavras dele, os nativos estavam em situação de miséria. Ele destaca que havia muitos índios para pouca terra, assim a dificuldade de vida do índio era devido à dificuldade de sobrevivência. Nesse projeto, se conseguiu ampliar a área territorial dos índios através de compra, desapropriação de sete mil metros quadrados de terra e devolução aos índios; 12 mil metros de terras comprada da “Companhia Águas Quentes”. Ocorreram duas compras de terras, sendo 100 alqueires comprados de uma fazenda situada no estado do Mato Grosso, próximo à Aruanã-Go e também, de 105 alqueires comprados da Fazenda Aricá;
- Da década de 1980 a 2005, ele participou de aproximadamente 20 filmes. Todos estão no IGPA e esporadicamente passa na televisão nos canais Cultura e TV Brasil.

Halbwachs (2004, p. 57) nos elucida que “a memória coletiva não tivesse outra matéria senão séries de datas ou listas de fatos históricos, ela não desempenharia senão um papel bem secundário na fixação de nossas lembranças”. Ele ainda complementa dizendo que isto é uma concepção singularmente estreita, e que não corresponde à realidade. Assim, o que se tem é um fluxo de vivência que mesmo que possamos disponibilizar e sistematizar a malha cultural, a dinâmica da vivência abrange contextos vazantes que aqui apenas possibilitamos “a ponta do iceberg” de conhecimentos e saberes. Entretanto, mesmo que assim seja, não invalida o processo acadêmico que é justamente o processo de sistematização de significados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No direcionamento de interlocutores, entendemos esses como os próprios envolvidos no ser e no fazer cultura. A fala do Mário Arruda da Costa demonstra a diversidade cultural brasileira, onde a valorização do contexto é parte fundamental da formação do profissional. Essa situação é narrada por Roy Wagner (2010, p. 78) quando diz que: “Um contexto é uma parte da experiência – e também algo que nossa experiência constrói; é um ambiente do interior do qual, elementos simbólicos se relacionam entre si, e é formado pelo ato de se relacionar”.

Seguindo com a ideia de “invenção da cultura e o poder da invenção”, e continuando com Roy Wagner (2010, p. 76) destaca-se quando diz que “toda expressão dotada de significado, e, portanto toda experiência e todo entendimento, é uma espécie de invenção, e a invenção requer uma base de comunicação em convenções compartilhadas para que faça sentido” Entende-se, que a cultura possui estrutura que permite a transposição da mesma e essa é vinculada no ato de viver das pessoas.

Compreendemos com a vida e obra de Mário Arruda da Costa como importante exemplo de profissional. Isso pauta-se, pois todos os momentos de conversa há a sua valorização a pesquisa *in locu*. Ele diz que quem o formou foi à vida, “assim o contato com as pessoas é que faz a antropologia, independente de teoria”.

A experiência com Mário Arruda e a reflexão da mesma, podem provocar uma nostalgia, pois sem o contato com a teoria antropológica, o que se tem realmente é a vida sem objetificações interessadas. Assim, esta pesquisa iniciou quando autores da mesma estavam distantes da antropologia e com o adentrar a esta área, a revisita ao caderno de campo utilizado, como também o artigo sem revisão realizado, torna-se a publicação do mesmo um momento de adentramento de si mesmo, como do percurso realizado.

Vimos neste processo de construção textual, mas também de construção profissional está ligado a interesses mercadológicos, mas que a abnegação até certo ponto do capital pode trazer ao ser humano uma autenticidade que transcende a questão profissional, mas sim a vida. Diante do exposto sabemos que todas as profissionais carrega subjetividades, portanto aqui não foi desejo nosso transformar uma vida em algo sacralizado. A intenção foi demonstrar que a experiência de pesquisa pode ser intensa e por isso ela pode nos afetar de forma a ser o que nunca fomos, ou seja, a pesquisa tem um potencial de transformação humana. E independente do nível de convenções que vivemos e de responsabilidades que estas convenções se tornam, a vida nos surpreende.

Com isso entendemos que a antropologia é uma área interessante para pensar a vida, pois ela nos dá instrumentos para pensar como as pessoas jogam a mesma e como utilizam (de forma ou não) outras pessoas para conseguir o que desejam.



Figura 01. Mário Arruda declama a chegada de Lampião no Inferno, famosos versos publicados através da literatura de cordel. Fotografia realizada através de *print* de vídeo disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=zY1CMU-gqoQ>. Data aproximada do vídeo: Abril/2011. O produtor das imagens de audiovisual é desconhecido. Reprodução da imagem em fotografia é de Hilda Freitas Silva em Fevereiro/2017.

AN ANTHROPOLOGIST IN THE CLOSED GOIANO:MÁRIO ARRUDA DA COSTA - BEYOND THE CABINET

ABSTRACT: This study versa an anthropology in context of life, being the character character study of the professor emérito and antropologist, Mário Arruda da Costa, da Universidade Católica de Goiás. Atualmente ele mora em Jussara, no cerrado goiano. Tem uma perspectiva de ação de formação profissional no campo de valorização da vida e, assim sendo, de que as práticas de pesquisa, a educação e a extensão irrestrita à universidade. Assim, entendemos o valor da pesquisa de campo, em especial para o antropólogo e também que os fatos da vida cotidiana são importantes como o meio de formação do profissional. A construção teórica metodológica é uma etnografia. Portanto, investigamos as interfaces da vida de um indivíduo, realizando uma pesquisa de autonomia e protagonismo que nos permite alcançar a cultura por meio do contato com o outro. Neste trabalho também são reflexos sobre uma antropologia e uma fonte de pesquisa na constituição de um profissional. Diante do exposto, este trabalho é uma trajetória pessoal e profissional além do gabinete.

Keywords: Anthropologist. Experiences. Otherness. Life. Culture.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Gildo Marçal. **Linhagens do Pensamento Político Brasileiro**. Rio de Janeiro: *Dados - Revista de Ciências Sociais*. Vol. 48, n. 2, 2005, p. 231-269

BURKE, Peter. *O que é história cultural?* Tradução: Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2005.

CERTEAU, Michel de. 1925-1986. **A Cultura no plural**. Tradução Edid Abreu. Dobranszky – Campinas: Papirus. 1995.

DIEHL, Astor. Teoria Historiográfica. Belo Horizonte: **Varia História**, vol. 22, n. 36, jul-dez de 2006, p. 368-394.

HALBWACHS, Maurice. **Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro (pp. 137-167), 2004.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 14. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

LEITÃO, Rosani Moreira. **Diversidade Cultural e Cidadania**. Manuscrito não publicado.

WAGNER, Roy. **A invenção da cultura**. Tradução Marcela Coelho de Souza e Alexandre Morales. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

RESUMO: Esse trabalho versa sobre a antropologia no contexto da vida, sendo que o personagem de estudo é o professor emérito e antropólogo, Mário Arruda da Costa, da Universidade Católica de Goiás. Atualmente ele mora em Jussara, no cerrado goiano. Temos a perspectiva de ação de formação do profissional no âmbito de valorização de vida e, portanto de experiências que põe em prática a pesquisa, a educação e a extensão irrestrita à universidade. Assim, entendemos o valor da pesquisa de campo, em especial para o antropólogo e também que os fatos da vida cotidiana são importantes como meio de formação do profissional. A construção teórica metodológica é a etnografia. Portanto, investigamos as interfaces da vida de um indivíduo, perfazendo a autonomia e protagonismo que o permite refazer cultura por meio do contato com o outro. Neste trabalho também fazemos reflexões sobre a antropologia e a importância da pesquisa na constituição de um profissional. Diante do exposto, este trabalho remonta a trajetória pessoal e profissional além do gabinete.

Palavras-chave: Antropólogo. Experiências. Alteridade. Vida. Cultura.